

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **PERCEÇÕES DE RESIDENTES E ATORES LOCAIS DO LEGADO DE GUIMARÃES CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA DE 2012.**

REMOALDO, Paula e RIBEIRO, José Cadima

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

---

### **Como citar este documento:**

REMOALDO, Paula e RIBEIRO, José Cadima, Perceções de residentes e atores locais do legado de Guimarães Capital Europeia da Cultura de 2012. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 81-86.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# PERCEÇÕES DE RESIDENTES E ATORES LOCAIS DO LEGADO DE GUIMARÃES CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA DE 2012

---

Paula Remoaldo<sup>1</sup>  
José Cadima Ribeiro<sup>2</sup>

## Introdução

Um megavento cultural, como uma Capital Europeia da Cultura (CEC), é um acontecimento que envolve uma elevada complexidade. Até ao presente, Portugal acolheu três Capitais Europeias da Cultura (Lisboa, 1994; Porto, 2001; e Guimarães, 2012), pouco tendo sido escrito sobre elas e, particularmente, sobre os respetivos legados.

Os estudos que existem são, sobretudo, de índole técnica e referem-se mais aos seus impactes económico-financeiros, isto por, entre outros aspetos, serem mais tangíveis.

Vale a pena debruçarmo-nos sobre este tipo de megavento pois trata-se do projeto cultural colaborativo mais ambicioso (se se considerar a sua duração, orçamento e escala) que ocorre na Europa. Constitui, aliás, uma das mais antigas manifestações culturais concretizadas, com sucesso, no seio da União Europeia (Sassatelli, 2008; Remoaldo e Cadima Ribeiro, 2017).

Acresce que têm sido também poucos os estudos que se debruçaram sobre a perceção dos residentes portugueses relativamente à atividade turística (contrariamente ao que se tem passado à escala internacional), e ainda mais no que diz respeito às suas perceções sobre os impactes de uma Capital Europeia da Cultura. Tal liga-se estreitamente com o facto de no planeamento da atividade turística em Portugal ter tendido a ser negligenciada uma abordagem colaborativa e democrática. Por contrapartida, as perceções dos turistas têm sido mais consideradas e, em razão disso, mantidas presentes nas políticas que vão sendo delineadas.

---

<sup>1</sup> Lab2PT/ICS, Universidade do Minho ([paularemoaldo@gmail.com](mailto:paularemoaldo@gmail.com))

<sup>2</sup> NIPE/EEG, Universidade do Minho ([jadima@eeg.uminho.pt](mailto:jadima@eeg.uminho.pt))

Tendo por base estes pressupostos, optámos no presente artigo por reter a informação que no período precedente (2011) e no ano imediatamente posterior (2013) recolhemos das percepções dos residentes do município sobre os efeitos do acolhimento da CEC Guimarães 2012. Os resultados dessa inquirição ao residente anónimo foram posteriormente complementados com a realização de entrevistas, que decorreram em 2016 e 2017, a um conjunto qualificado de atores locais.

Para além da introdução, o presente artigo encontra-se estruturado do seguinte modo: a primeira secção verte as principais percepções dos residentes sobre os impactes da CEC 2012; na segunda secção sumarizam-se algumas leituras do legado da CEC tal qual foi percebido pelos atores que entrevistámos. O artigo termina com uma breve conclusão.

### **1- Percepções dos residentes dos impactes da CEC 2012**

Ainda que os eventos de cariz cultural, como uma Capital Europeia da Cultura, não tenham merecido tanta atenção como os de cariz desportivo (Ritchie, 1984; Getz, 1991; Remoaldo, Duque e Cadima Ribeiro, 2015), importa conhecer a percepção das populações dos efeitos da sua realização, particularmente em Portugal, onde, como assinalámos, tal não tem por regra acontecido. Se se almejar prosseguir um turismo mais sustentável, no respetivo planeamento, faz sentido preocuparmo-nos com as percepções da comunidade local do que é ou deve ser a realidade turística de um determinado destino (Nunkoo e So, 2015).

No sentido de recolher as percepções dos residentes sobre a CEC Guimarães 2012, foram realizados em 2011, entre outubro e dezembro (antes do início da CEC), 471 inquéritos à população local. O objetivo principal foi aferir a percepção do impacte esperado e o tipo de participação planeada da população no evento. Em 2013 (período *ex-post*), por sua vez, foram concretizados 551 inquéritos, entre abril e maio. O questionário continha 17 questões.

Dos resultados conseguidos para o período *ex-ante* e *ex-post* com as ditas amostras, importa ressaltar que o comportamento e as percepções dos residentes se alteraram entre 2011 e 2013. Em concreto:

- i) em 2011, apenas 35,5% declararam que seguramente iriam participar na CEC Guimarães 2012; para entender tal resultado,

talvez importe manter presente os problemas político/organizativos que emergiram no ano prévio à CEC, que devem ser considerados conjuntamente com a tardia publicitação do programa cultural a desenvolver em 2012;

- ii) em 2013, e conforme resultados do questionário aplicado, concluiu-se que estes problemas terão sido ultrapassados em 2012, já que a taxa de assistência ascendeu a 67,0%.

Não se registaram diferenças assinaláveis de participação no megaevento quando consideradas as variáveis género ou idade. A “abertura e encerramento da C.E.C. 2012” e os “La Fura dels Baus” revelaram ser os eventos mais marcantes para os residentes inquiridos.

Em termos económicos, os residentes concordaram que a CEC 2012 contribuiu para a “atração de mais investimentos” (média=3,9 – numa escala de 1 a 5) mas, no entanto, não acreditavam que “aumentasse o rendimento dos moradores” (média=2,9). O “aumento de preços e bens” (média=3,2) foi o segundo impacte económico mais citado. Estes resultados não diferem dos encontrados em 2011.

Nos impactes socioculturais ocorreram algumas alterações entre as percepções *ex-ante* e *ex-post*, visto a “conservação do património construído” (4,0) e o “maior investimento na cultura” (3,9), apesar de continuarem a ser os mais bem avaliados, denotaram uma descida na média alcançada. Este resultado parece encontrar eco no cenário que se viveu durante a realização do megaevento, ou seja, parte dos equipamentos previstos foram inaugurados no seu decurso (e.g., a Plataforma das Artes e Criatividade foi inaugurada a 24 de junho de 2012) e um deles (a Casa da Memória) apenas a 26 de abril de 2016 foi aberto ao público.

Por seu turno, a “melhoria da autoestima da população” revelou ser mais importante em 2013 (média de 3,82), seguida da “melhoria das infraestruturas locais” (3,75).

Nos impactes ambientais, o “aumento do lixo produzido” manteve sensivelmente a mesma média (3,0), baixa, o que poderá ter a ver, entre outros aspetos, com um mais baixo número de visitantes do que o que era esperado.

## 2- O legado da CEC na perspetiva dos atores locais

No quadro do levantamento do legado da CEC Guimarães 2012, considerou-se pertinente entrevistar um conjunto de atores qualificados do município ou que, de alguma forma, tenham acompanhado o evento e a cidade, em 2012 e nos anos que se lhe sucederam, que nos pudessem transmitir a sua perspetiva sobre o assunto; dos testemunhos que recolhemos nas entrevistas realizadas, retém-se aqui uma muito pequena parte.

Partindo da constatação inquestionável de que a Capital Europeia da Cultura de 2012, acolhida por Guimarães, foi um sucesso na atração de pessoas a Guimarães e permitiu alguns investimentos, públicos e privados, divulgando internacionalmente a cidade, a rematar as entrevistas, perguntou-se aos nossos entrevistados se tinha valido a pena ir por diante com o megaevento, e se fazia sentido voltar a fazer uma aposta similar num futuro de médio prazo?

Houve algumas diferenças nas abordagens feitas. Em comum, talvez só a ideia de que a CEC, na sua expressão estrita, materializada em 2012, foi uma grande festa. Nas palavras concretas de um dos entrevistados, “Houve uma grande festa. As festas são sempre agradáveis. São momentos evanescentes” (Francisco Teixeira - ASMAV). Concluindo de seguida, criticamente, com a afirmação de que, “Se não fizessemos a CEC, não saberíamos as oportunidades que perdemos”. Outro disse-nos: “Em resultado do esforço de investimento, há uma componente material que ficou. A componente imaterial teve algum efeito mas poderia ser melhor aproveitada” (João Cerejeira - UMinho).

Numa outra perspetiva, tivemos manifestações que talvez possamos apelidar de mais positivas, de que é exemplo a seguinte: “Apesar de tudo, isto é, apesar do que não foi cumprido, penso que sim. A Capital Europeia da Cultura permitiu ajudar a cidade a consolidar a aposta que fez” (Rita Ribeiro - UMinho). Em registo idêntico, foi-nos dito que “Essas coisas são criadas a nível global. Sabido isso, aderimos ou seguimos um caminho que é o da marginalidade. Estas organizações circulam e as cidades têm que se habilitar a elas” (Paulo Vieira de Castro - SMS).

Virando-nos agora para os protagonistas da organização do evento, do presidente da Câmara Municipal de então recolhemos as seguintes

palavras: “Não há nenhuma dúvida que a CEC valeu a pena, mas não é fácil alimentar a dinâmica cultural então criada. A CEC foi uma rampa de lançamento.” (António Magalhães - CMG). O ex-administrador executivo da Fundação Cidade de Guimarães, Paulo Cruz, por sua vez, disse-nos: “Guimarães 2012 foi um projeto catalisador do desenvolvimento da cidade e da região que deixou um importante legado [...]. A CEC veio no momento certo, depois de um trabalho de 20 anos de reabilitação do centro histórico e da criação do Centro Cultural Vila Flor.” Pelo mesmo diapasão afinou uma outra protagonista da organização (Francisca Abreu - CMG): “Não tenho a menor dúvida de que valeu a pena”.

Sem pôr em causa que tenha valido a pena, houve quem sintetizasse o balanço global que fazia do evento nos seguintes termos: “Valeu a pena, sem dúvida, por muito que se possa pôr em causa o projeto [isto é, o modo como foi materializado] (Isabel Fernandes - MAS)”.

Houve, entretanto, quem tivesse chamado a atenção para as particulares dificuldades que enfrentam as cidades médias em processos desta natureza: “Do que eu tenho lido sobre este assunto, quem normalmente aproveita melhor estes eventos são as grandes cidades” (Francisco Carballo Cruz - UMinho).

Nas vertentes de avaliação global do megaevento, foi-nos dito, também:

i) “Globalmente, valeu a pena, mais que não seja naquele ano. Teve um efeito importante em termos de promoção da cidade, pese o evento não ter tido a promoção (externa ao país e nacional) que deveria ter sido feita” (Fernando Castro – UMinho);

ii) “Valeu a pena, pelo menos na componente de infraestruturização e reabilitação urbana, criação e recuperação de equipamentos [...]. Em matéria de dinâmica cultural, quase que voltámos onde estávamos antes da CEC (Vitor Marques – CMG).

## **Conclusão**

A realização de uma CEC é umas das expressões do paradigma pós-moderno de promoção das cidades e de competição entre elas. Olhando para os resultados do trabalho empírico realizado, a Guimarães CEC

2012 terá cumprido parte dos requisitos para a qual foi organizada. Em concreto, confirmou alguma capacidade para atrair visitantes.

Dos inquéritos aos residentes constatou-se a alteração de algumas perceções dos impactes da CEC. Em geral, os residentes esperavam que a CEC 2012 gerasse bastantes benefícios económicos, sociais e culturais. Após a sua realização, a sua perceção foi a de que não gerou tantos benefícios como esperavam. Por contrapartida, os custos económicos, sociais e ambientais foram mais baixos do que esperavam.

Das entrevistas realizadas aos atores locais, com um certo nível de consenso, emergiu a ideia de que, em resultado do esforço de investimento feito, há uma componente material que ficou, se bem que a componente imaterial talvez pudesse ter sido melhor aproveitada. Todavia, se o acolhimento da CEC deu maior expressão turística à cidade, pouco do que estava previsto em matéria de dinamização continuada da vida cultural desta terá passado à prática.

## Referências

- Getz, D. (1991), *Festivals, special events, and tourism*, Van Nostrand Reinhold, Nova York.
- Nunkoo, R. e So, K.K.F. (2015), “Residents’ support for tourism: Testing alternative structural models”, *Journal of Travel Research*, DOI: 10.1177/0047287515592972.
- Remoaldo, P.C., Duque, E., e Cadima Ribeiro, J. (2015), “The environmental impacts perceived by the local community from hosting the ‘2012 Guimarães European Capital of Culture’”, *Ambiente y Desarrollo - International Journal of Development and Environment*, 19(36), pp. 29-42.
- Remoaldo, R. e Cadima Ribeiro, J. (2017), *O legado de Guimarães Capital Europeia da Cultura de 2012: a leitura dos residentes e dos visitantes*, Edições Afrontamento, Porto.
- Ritchie, J.R.B. (1984), “Assessing the Impact of Hallmark Events: Conceptual and Research Issues”, *Journal of Travel Research*, 23(1), pp. 2-11.
- Sassatelli, M. (2008), “European cultural space in the European cities of culture”, *European Societies*, 10(2), pp. 225-245.